

TEXTOS HISTÓRICOS

Introdução ao texto “Higiene pública: estatística de acidentes de trabalho” de Armand Imbert & Antonin Mestre

Marcel Turbiaux

Groupe de Recherche et d'Étude sur l'Histoire du Travail et de l'Orientation (GRESHTO)
Centre de Recherche sur le Travail et le Développement (CRTD)
Conservatoire National des Arts et Métiers (CNAM)
41, Rue Gay Lussac 75005
Paris, France
mturbiau@club-internet.fr

A tradução deste artigo para português foi realizada por Andreia Ferreira e João Viana Jorge.

Armand Imbert (1850-1922) foi nomeado, após a sua agregação, professor de física médica da faculdade de medicina de Montpellier, o que lhe permitiu estar diariamente em contacto sobretudo com acidentados do trabalho no hospital de Santo Elói daquela cidade.

Antes de 1898 os acidentes de trabalho eram considerados, como os outros acidentes, como azares da vida. Assim, cair de um telhado era visto como um risco profissional para o trabalhador que o construía.

Em caso de acidente de trabalho, o assalariado, para ser indemnizado, tinha que provar a responsabilidade do seu empregador que disso se escusava frequentemente invocando força maior ou o fortuito do caso.

A lei de 9 de Abril de 1898 permitia ao assalariado, vítima de um acidente de trabalho, requerer a reparação sem ter de provar a culpa do seu empregador, tendo este a possibilidade de fazer um seguro para a isso fazer face.

De uma família da burguesia, Armand Imbert descobriu, devido à sua actividade profissional, o mundo dos operários, as suas dificuldades e sofrimentos. Assim, para ele, a lei de 9 de Abril de 1898 era «uma das melhores da República», mas os operários não tardaram a queixar-se do rigor das companhias de seguros que imaginavam ser por eles exploradas, acusando-os de simular incapacidades e de exagerar na duração da sua inaptidão, enquanto os patrões se queixavam dos aumentos de encargos.

A fadiga e o esgotamento estavam então na ordem do dia. No seu relatório de 1903 sobre a aplicação das leis do trabalho no seu sector, Antonin Mestre, inspector departamental do trabalho em Montpellier tinha endereçado ao inspector divisionário de Toulouse, Le Roy, um estudo sobre os acidentes de trabalho, ocorridos em L'Hérault, relacionados com as causas que os tinham provocado para concluir que «havia razão para ter em conta um factor tanto mais grave quanto dominante em todos os acidentes de trabalho, aumentando-os em número e agravando-lhes por vezes a sequência; esse factor é a fadiga dos operários».

A conselho de Armand Imbert encarregado de apresentar ao XI congresso internacional de higiene e demografia, em Bruxelas, em Setembro de 1903, um relatório sobre «Em

que medida se pode, a partir de medições fisiológicas, estudar a fadiga, as suas modalidades e gradação nas diversas profissões?», Antonin Mestre estabeleceu, para cada profissão, um levantamento dos acidentes segundo as horas a que tinham ocorrido.

Baseado neste levantamento, Armand Imbert publicou, em Junho de 1904, um estudo sobre os efeitos desta lei e as críticas de que foi objecto que lhe permitiram afirmar que «um grande número de acidentes resulta directamente do estado de fadiga física ou cerebral do operário no momento em que é vitimado e é fácil apresentar provas desta asserção» (p.715), anunciando a publicação de estatísticas detalhadas, que aliás resume neste artigo. É este estudo que está reproduzido na «*Revue Scientifique*» da qual Edouard Toulouse (1865-1947) é director da redacção, sob o título «*Higiène Publique. Statistique d'accidents de travail*».

Encontrou o estudo grande eco na imprensa que se limitou geralmente a publicar um simples resumo mas são de assinalar algumas reacções: J. Legendre, em *Le phare de la Loire* de 30 de Setembro, preconiza a educação do operário enquanto Ernest Lesigne, no *Radical*, do 5 de Outubro, advoga a jornada de oito horas.

Por sua vez, impressionado pelas conclusões deste estudo, o inspector divisionário do trabalho de Toulouse, Le Roy, solicitou aos outros inspectores departamentais da sua circunscrição que procedessem ao mesmo levantamento: «os gráficos estabelecidos pelos Srs. Imbert e Mestre eram perfeitamente sobreponíveis aos obtidos pelos outros departamentos» (Le Roy Estudo dos acidentes de trabalho, *Bulletin de l'inspection du travail et de l'higiène sociale*, nº 3 e 4, 1906, p.219-230). Como confirmação o Sr. Le Roy estabeleceu os gráficos de 1903 e 1904 para cada agrupamento industrial e para o conjunto de todos os agrupamentos. O seu exame revelou «uma similitude que não deixa qualquer dúvida sobre o valor das conclusões do seu estudo. Todas essas constatações levam fatalmente a considerar a fadiga como uma das causas principais dos acidentes» (p.221-222).

Fernand Mazel, médico numa fábrica de Nîmes, nos *Archives générales de medecine*, de Janeiro de 1905 (p.129-141) fez, também ele, construir a lista horária dos acidentes ocorridos durante quatro anos com os operários desse estabelecimento. Confirma assim os resultados de Armand Imbert e Antonin Mestre: o prolongamento das horas de trabalho aumenta o número de acidentes mas estima que a fadiga não é o único elemento a considerar. É necessário, afirma ele, acrescentar-lhe o consumo de álcool, a obscuridade relativa devida à iluminação eléctrica, etc.

No entanto, o médico belga Léopold Dejace, num artigo do *Scalpel*, reproduz na *Revue de médecine légale* de 1906 (pp.82-85, apoiado na sua experiência de vinte anos numa fábrica da baciade Liège, põe, também ele, em causa, mas mais incisivamente que Fernand Mazel, a influência do ál-

cool às refeições, sem todavia contradizer as conclusões de Armand Imbert e de Antonin Mestre.

A crítica mais aguda proveio de um engenheiro, Philibert Delahaye, antigo aluno da escola politécnica, na *Revue industrielle* de 8 de Outubro (nº 41, p.408), que contestava as conclusões de Armand Imbert e Antonin Mestre, «pouco conciliáveis com as condições do trabalho na indústria». Se ocorrem acidentes é porque o operário, segundo ele, «ao fim de duas ou três horas não presta ao seu trabalho a atenção necessária e suficiente».

Armand Imbert e Antonin Mestre responderam-lhe na mesma revista (nº 45, 5 de Novembro 1905, p.449-450) censurando-o por proceder «por simples afirmação sem juntar provas objectivas», enquanto eles tinham abordado sem preconceito, sem querer «impor» nada a ninguém, com o simples anseio de descobrir a verdade substituindo as discussões apaixonadas dos interessados, os dados da ciência experimental.

Philibert Delahaye voltará à carga (*Revue industrielle*, 10 de Fevereiro, 1906, p.57-58) para retomar e criticar o valor das estatísticas publicadas por Armand Imbert e Antonin Mestre que se absteriam de lhe responder.

Todavia para Raphael Lépine, professor de clínica médica na faculdade de medicina de Lyon, num célebre artigo em que saúda o trabalho de Armand Imbert e Antonin Mestre: «é difícil encontrar argumentos mais positivos a favor da limitação das horas de trabalho» (p. 713), salientando as conclusões dos dois autores. Sublinha ele que «o Sr. Imbert não se deteve em tão bela caminhada». Com efeito, como lembrará Jules Amar em *Le moteur humain* (Paris, H. Dunod e F. Pinot, 1914, p. 369) «o Professor Imbert foi o primeiro a mostrar todo o partido que era possível tirar do método gráfico para registar os esforços musculares sobre os instrumentos dos operários», método que utilizou nas suas pesquisas sobre o manobrar de cargas em carroças de tracção animal e em carrinhos de mão, os trabalhos com lima e com alicates de corte e que fazem dele, não somente um dos pioneiros mas um dos mais eminentes representantes do que se denominou a «ciência do trabalho» no início do século XX.

ES

Introducción al texto “Higiene Pública: estadística de accidentes de trabajo” de Armand Imbert & Antonin Mestre

FR

Introduction au texte «Hygiène Publique. Statistique d’accidents de travail» de Armand Imbert & Antonin Mestre

EN

Introduction to the text “Public health: work accidents’ statistics” by Armand Imbert & Antonin Mestre

Como referenciar este artigo?

Turbiaux, M. (2011/1904). Introdução ao texto “Higiene pública: estatística de acidentes de trabalho” de Armand Imbert & Antonin Mestre.

Laboreal, 7, (1), 105-107.

<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV658223533894:355562>